Ensino das línguas estrangeiras: um elo imprescindível na construção do conhecimento

Márcia Aparecida Tinoco Pereira Caetano
Colégio Cruzeiro Escola Modelar Cambaúba

A partir de minha prática em sala de aula, pude fazer uma reflexão sobre o papel do ensino das línguas estrangeiras (LE) no currículo escolar, tais como: importância, funções como ferramenta de comunicação, os objetivos que pretende alcançar como disciplina da grade escolar, as estratégias para sua melhor implementação, o ensino comunicativo e sua relevância. Verifiquei as diferentes relações que se estabelecem com o ensino de uma LE, a partir da aquisição de sua estrutura, fundamentada no ambiente social ao qual está inserido ou não o estudante, considerando a sua formação geral, bagagem pessoal e social de vida. Busquei, também, estratégias que possam facilitar a ponte entre o conteúdo apreendido dessa nova língua com outros conhecimentos curriculares necessários à formação do indivíduo. Lembrando Paulo Freire, não poderia esquecer que cada ser humano tem um ritmo e que este deve ser levado em consideração, respeitando-se as individualidades e as especificidades do grupo em questão.

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) apresenta-se a *obrigatoriedade* de uma língua estrangeira moderna, tanto no ensino fundamental, a partir do 6.º ano, como no ensino médio (Art. 26 § 5o e Art. 36 - III.), além de haver a possibilidade de uma segunda língua em caráter optativo no último segmento. Tal obrigatoriedade tem como fundamento principal a organização de uma nova ferramenta de comunicação, Almeida Filho, 1998, que pretende ampliar as relações do aprendiz com o meio em que vive e aumentar a sua interação cultural e social deste com o mundo.

A importância da LE no currículo escolar vem sendo discutida há muito tempo. Houve momentos em que se privilegiou o latim e o grego, e houve momentos em que se valorizou mais o estudo das línguas modernas. Porém o importante é que essa discussão é ininterrupta, o que mostra a relevância de sua presença no contexto escolar como elemento formador de conhecimentos. Esta importância é reconhecida não só no meio acadêmico, mas também por toda a sociedade, que defende sua manutenção. No entanto, a LE ainda é vista, por muitos, como uma disciplina isolada, sem conexão com outros componentes curriculares, cuja principal função é ensinar regras gramaticais e estruturas lingüísticas.

A sociedade brasileira reconhece a importância educacional da presença de uma língua estrangeira no currículo escolar para a formação do indivíduo e, por isso, defende sua manutenção. Quando o estudante tem suas expectativas frustradas, não hesita em procurar, em estabelecimentos particulares de idiomas, os serviços que a escola corrente não oferece ou que não apresenta o resultado esperado.

A escola tem frustrado as expectativas do aprendiz com relação à LE porque esta «ferramenta de comunicação» é tratada como um fragmento isolado no processo educacional, que não interage com os demais componentes curriculares, já que privilegia uma língua e uma cultura que são estrangeiras. Não é dado à LE o caráter catalisador e frutífero que é a base na obtenção de conhecimentos no ambiente escolar.

Faz-se necessário *desestrangeirizar* a LE, segundo Almeida Filho,1998, para que se alcance o objetivo maior: a comunicação.

> A nova língua para se desestrangeirizar vai ser aprendida para e na comunicação sem se restringir apenas ao "domínio" de suas formas e do seu funcionamento enquanto sistema. (Almeida Filho, 1998)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da LDB, as Línguas Estrangeiras Modernas (LEM) recuperam o prestígio, durante muito tempo negligenciado, e se colocam no mesmo grau de importância que qualquer outra disciplina na formação do indivíduo. Fica muito clara sua fundamental necessidade nesse processo, na medida em que o ensino de uma LE transcende a aquisição dos conhecimentos estruturais da língua aprendida e assimila todo um conjunto de saberes essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de novas e diferentes culturas, para então absorver sua história, sua arte, sua geografia, enfim sua relação com o mundo globalizado e com o mundo de cada membro deste processo, o que ampliará infinitamente seu conhecimento de vida e, portanto, poderá prepará-lo para o exercício de uma cidadania universal. O discente não só irá mostrar os conhecimentos adquiridos dessa nova ferramenta, mas também poderá revelar-se através dela:

> Essa nova língua pode ser tida em melhor perspectiva como uma língua que também constrói o seu aprendiz e em algum momento futuro vai não só ser falada com propósitos autênticos pelo aprendiz mas também «falar esse mesmo aprendiz», revelando índices da sua identidade e das significações próprias do sistema dessa língua-alvo. (Almeida Filho, 1998)

É preciso desmontar o mito *estrangeiro* e enxergar o ensino da LE como uma alternativa a mais na construção do conhecimento e na comunicação do aprendiz com o mundo.

A convergência entre o ensino de uma LE e as diferentes áreas do conhecimento que compõem a grade curricular, enfatizando a importância do significado na ação social, é imprescindível, pois a vivência de cada elemento, seu dia-a-dia, suas experiências compõem um material riquíssimo para a organização das informações a serem apreendidas e efetivamente compreendidas. É a partir da compreensão do porque e para quê determinados saberes se fazem necessários para o aluno encontrar sentido em guardá-los e levá-los consigo para sempre.

Segundo E. H. Carr, 1961, «quanto mais sociológica a história se torna, e quanto mais histórica a sociologia se torna, tanto melhor para ambas». Com essa declaração, Carr pretendia chamar a atenção, já na década de sessenta, para a fundamental importância de uma história de orientação social, na qual o indivíduo e suas ações interferem na construção do ambiente a que pertence, tornando-se o foco central de todos os estudos. Como nos revelou Bakhtin, 2003, a cultura, a vivência e as experiências individuais devem estar presentes nas mais diversificadas abordagens possíveis no espaço escolar, para que assim ele se sinta parte efetiva dessa troca de conhecimento, seguro de que muito leva dessa escola, mas que também muito deixa para que outros possam usufruir as mesmas possibilidades de experimentações.

O espaço da língua estrangeira moderna pode se transformar em um momento não só de aprendizagem formal de signos lingüísticos e estruturas gramaticais, mas também de comunicação genuína, onde se experimenta o realmente ser, as vivências do dia-a-dia e como se pode utilizar concretamente aquilo que é aprendido em sala de aula. A língua estrangeira deve estar a serviço de quem aprende para que ele faça com ela a sua revolução pessoal.

Em um primeiro momento, é preciso ampliar a visão e perceber as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes segmentos desta sociedade e nas quais está em jogo a própria representação do mundo social, fundamentalmente, o papel desempenhado por cada um dos diferentes campos, para que se possam localizar, com maior eficácia, as opções a serem utilizadas no processo de aquisição do conhecimento. Devemos entender que o espaço social não pode e nem deve restringir- se somente ao campo econômico.

> Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posições semelhantes. (Pierre Bourdieu, 1998)

Deve-se ter o domínio do campo social ao qual pertence cada grupo de estudantes, pois o ensino de LE como ferramenta de comunicação só faz sentido se constrói uma parte entre o que se aprende na escola e o que se pratica na vida real. É preciso fundamentar cada estrutura da língua aprendida com momentos vivenciados no seu quotidiano, nas suas relações com o meio e com os indivíduos. Os conteúdos factuais devem ser próximos e dominados pelo grupo de alunos. Usar estratégias adequadas é assegurar o êxito na aquisição dos conhecimentos pretendidos.

O educador de LE precisa mergulhar profundamente na cultura da comunidade atendida, objetivando conhecer ao máximo sua vivência e as experiências que a mobilizam, que a provocam, que a estimulam e, a partir deste saber, organizar um conjunto de procedimentos que contemplem a aquisição do conhecimento e a

valorização de suas experiências individuais, partindo sempre de um contexto real vivido e experimentado concretamente pelo grupo, para que assim faça sentido a aprendizagem.

É sempre bom lembrar que dentro de um mesmo estabelecimento de ensino há diferentes visões de mundo, e que estas devem ser consideradas e respeitadas e que nenhuma tendência pode ser privilegiada no processo. O respeito a cada indivíduo é a ferramenta condutora para o alcance de todos os objetivos inicialmente propostos. A partir do domínio da própria cultura, os alunos estarão mais seguros e abertos a conhecer novas possibilidades de vida, ou seja, outras culturas. O professor estará proporcionando-lhes a integração com um mundo mais globalizado e pleno em sua totalidade. Perceber-se como elemento formador dentro de um contexto maior, mais ampliado geograficamente, é perceber-se cidadão efetivamente construtor de seu próprio espaço.

Embora seja claro o papel da LE como transmissor de múltiplos saberes, nem sempre o ensino desta se dá de maneira a proporcionar a formação do aluno. Fatores como a reduzida carga horária ao estudo de LE no currículo, a carência de profissionais da área de educação adequadamente habilitados, a falta de recursos básicos para que se estabeleça a prática do ensino de língua, em lugar de capacitar o aluno a falar, ouvir, ler e escrever em um novo idioma, tornaram as aulas de LE monótonas e repetitivas, presas somente a conteúdos gramaticais, à memorização de regras e à priorização da modalidade escrita. Normalmente, o conteúdo é dado de forma descontextualizada e desvinculada da realidade, desmotivando professores e alunos, desvalorizando conteúdos importantes na formação educacional, que fazem parte da vivência específica do indivíduo em cada comunidade.

As LE funcionam como meio para chegar-se ao conhecimento e, portanto, às diferentes formas de pensar, de criar, de sentir, de agir e de recriar a realidade. O que dá ao aprendiz uma formação mais ampla e também mais sólida.

O ensino da LE é uma conexão na estruturação dos conhecimentos apresentados ao aprendiz, Almeida Filho, 1998, não pretende substituir o ensino de nenhum outro componente do currículo escolar oficial, e sim servir de ponte.

Atualmente, uma grande parte das escolas foca, nas aulas de LE, a aprendizagem do sistema formal da língua aprendida, levando o aluno a dominar as quatro habilidades tornando-o capaz de comunicar-se em qualquer situação apresentada. Porém, por diferentes motivos, o ensino acaba centrando-se no conteúdo gramatical que privilegia a norma culta. O aluno dificilmente tem a oportunidade de *experienciar* situações comunicativas genuínas que fazem parte do seu dia-a-dia e que seriam fundamentais na fixação dos conteúdos, como um conhecimento que faça sentido em sua vida, e, que, portanto, fique registrado.

Segundo os PCN, as competências mais relevantes seriam:

Saber distinguir as variantes lingüísticas.
Saber adequar o registro à situação em que se estabelece a comunicação.
Escolher o vocabulário adequado na exposição de suas idéias.
Compreender e dominar aspectos social-culturais para utilizar expressões adequadamente.
Compreender como os enunciados podem refletir o ser, o pensar, o agir e o sentir de quem os produzem.
Saber utilizar o mecanismo de coesão e coerência na produção em LE.
Dominar estratégias verbais e não verbais para compensar falhas na communicação.

(Adaptado: PCN, 1999)

Todos os componentes, no ato comunicativo, estão inter-relacionados e interligados. Não podem ser considerados isoladamente, uma vez que compõem um todo e se complementam.

O sujeito, para dominar cada um dos componentes, apresentando uma competência comunicativa adequada, deverá ter sido capacitado nas seguintes competências:

Competências	
Gramatical Discursiva	**Sociolingüística Estratégica**

(Adaptado: PCN, 1999)

Na frase: «Onde posso tomar um Café?»

Além da correção lingüística, podem-se trabalhar as diferenças entre o país do estudante e a região de origem da frase, tais como, hábitos, tipos de café da manhã, em que situações se costumam parar em um bar, horários das refeições, onde e o que comer, expressões típicas dessas situações, etc.

Procurar integrar o assunto à outra disciplina: Ciência (hábitos alimentares), História (construção social de determinados hábitos), Geografia (localização geográfica das regiões estudadas e sua relação com as demais regiões), etc.

Nenhuma área do conhecimento se estabelece por si só. Trabalhar as competências isoladamente seria produzir contextos artificiais que jamais seriam experimentados pelo aprendiz e, portanto, não lhe despertariam interesse. Tudo em sua mente está interligado, de alguma forma. Por isso é tão importante o domínio das competências gramaticais e sociolingüísticas, para que o aluno perceba a utilização concreta daquilo que aprende na sua própria realidade e na realidade desse povo que ele está conhecendo.

Nesse contexto, a aprendizagem passa a ser uma fonte de ampliação dos horizontes culturais e sociais, fomentando no indivíduo a curiosidade de saber mais, de vivenciar mais, de contribuir mais. Quando este percebe sua importância no processo não só de aprendizagem, como também na construção da realidade estudada, sente-se parte efetiva e determinante, capaz de produzir mudanças e daí, seu crescimento pessoal e social fica garantido.

A aula, contato principal entre professor e aluno, é a parte submersa. Por isso é preciso estabelecer laços de ensino-aprendizagem significativos neste momento para que ambos sintam-se motivados a constituir um universo para o uso dos conhecimentos adquiridos a partir da LE.

Segundo Almeida Filho, 1998, a aula convencional de LE divide-se da seguinte maneira:

1. Clima e confiança.
2. Apresentação (de insumo novo).
3. Ensaio e Uso.
4. Pano.

Clima e confiança. Momento inicial de contato do professor com sua turma onde se passam anúncios, lembretes, avisos da direção e/ou administração da escola; fase de estabelecimento de clima e confiança é, por necessidade, a primeira a se constituir e a ser planejada.

O clima se refere à construção do ambiente distintivo em que vai se dar mais uma aula de língua estrangeira. Gera-se um clima 'estrangeirizado' que propicia um espaço para aprendizagem da língua em questão.

A confiança objetiva uma aproximação afetiva, já que, muitas vezes, a timidez, a ansiedade, o cansaço, a pouca motivação, entre outros fatores, dificultam a integração do grupo. Ao professor cabe minimizar essas manifestações através de procedimentos específicos que deverão ser observados não somente nesta fase, mas também nas que se seguem.

Apresentação (de insumo novo). É especificamente a familiarização do aluno com amostras do uso da linguagem e pontos de conteúdo lingüístico. Esta é a fase em que o professor expõe e faz demonstrações do uso daquele conhecimento que está sendo adquirido pelo aluno, que irá então praticar as amostras recebidas, estrutura gramatical e sua utilização em situação comunicativa.

Ensaio e Uso. É nesta fase que se dá a culminância de toda a preparação inicial, que deverá impulsionar o aprendiz a buscar no saber adquirido segurança para relacionar-se com a LE e aventurar-se em criar sua própria vivência com essa nova língua e os conhecimentos que ela traz consigo. Nesse momento ele evolui na sua busca de proficiência e fluência.

Pano. É o fechamento do período de trabalho com o reconhecimento dos conteúdos abordados. Pequenos comentários compensatórios são esperados. Quem produziu a contento merecerá menos atenção individual, porém terá seu esforço reconhecido, e aqueles que apresentaram mais dificuldades na execução de suas tarefas receberão o merecido reconhecimento e também uma atenção mais específica por parte do orientador.

Nessa fase, são passadas, com clareza, as tarefas de casa, que irão reforçar estratégias individuais de estudo da disciplina específica. Se não há lição, é apropriada a introdução de um jogo que possa intensificar a habilidade de uso da língua estrangeira como instrumento de comunicação interpessoal.

A sala de aula de LE pode ser vista, também, como um ambiente para interações sociais concretas e verdadeiras entre professores e alunos que, neste contexto, estariam representando seus próprios papéis de construtores de conhecimentos múltiplos existentes no ambiente escolar.

O conjunto e a inter-relação entre as fases citadas deveriam ser capazes, se agregados a um conhecimento sistemático do processo de aprender e ensinar línguas e a uma concepção específica de linguagem humana, de constituir a aula formal como minimizadora de problemas como, indisciplina excessiva, desorientação, indiferença ou atitudes de resistência do aluno.

A partir de Almeida Filho, 1998, podem-se estabelecer algumas reflexões a respeito do ensino comunicativo de LE. Para tal, são feitos os seguintes questionamentos:

O que mais caracteriza os métodos comunicativos? A sua ênfase na produção de significados para o sujeito aprendiz em detrimento de formas do sistema gramatical. O professor promoverá procedimentos que estimulem o aluno a pensar e a interagir na nova língua, partindo de sua percepção individual para a percepção do grupo, construindo todos os espaços onde possam sistematizar conscientemente diferentes aspectos da língua-alvo.

O que distingue os métodos comunicativos dos demais? Embora partilhem, com freqüência, as características uns dos outros, os materiais comunicativos incentivam o indivíduo a expressar aquilo que ele deseja ou de que precisa. Os trabalhos são em pequenos grupos ou em duplas, buscando sempre a interação de todo os grupos. E, mais uma vez, a experiência de cada um conta muito na execução das tarefas.

O que é ser comunicativo, como professor, na sala de aula? Podemos alencar os seguintes pontos:

- possibilitar experiências de aprender com conteúdos de significação e relevância, que o aluno reconheça como experiências válidas de formação e crescimento intelectual;

- tolerar, por compreender, o papel de apoio da língua materna, incluindo os erros que se reconhecem agora mais como sinais de crescimento de uma nova capacidade de comunicação em outra língua;
- representar temas e conflitos do universo do aluno na forma de problematização e ação dialógica;
- propiciar condições para aprendizagem subconsciente no trato de conteúdos relevantes que envolvem o aprendiz, para aprendizagem consciente de regularidades lingüísticas;
- respeitar a variação individual quanto a variáveis afetivas tais como motivações, ansiedades, inibições, empatia com as culturas dos povos que usam a língua-alvo, autoconfiança, auto-estima abalada, problemas pessoais que desestruturam o indivíduo, etc.;
- avaliar o que o aluno pode desempenhar em atividades e tarefas comunicativas mais do que aferir conhecimento gramatical aplicado sobre a nova língua.

Perceber o ensino comunicativo como um incentivador maior, como uma alavanca que espera alcançar, essencialmente, a comunicação na língua estrangeira, em sua forma mais natural possível, aproximando o aprendiz dessa nova realidade que se apresenta a ele deve ser o principal objetivo.

A observância de que o ensino de línguas não pode restringir-se às realidades fictícias impostas pelo educador ou pelo livro didático adotado é muito importante, pois, em geral, não levam em consideração a comunidade atendida especificamente. O aprendiz necessita de segurança para arriscar-se no contato com o novo conhecimento que se estabelece em seu entendimento. Por isso o ensino de LE não deve tomar somente as formas da língua descritas nas gramáticas como modelo suficiente para organizar as experiências de seu aprendizado, é preciso também criar estratégias e situações que viabilizem a experimentação real daquilo que está sendo aprendido.

Exemplos de procedimentos metodológicos comunicativos:

- desempenho de uma seqüência de atos como o de cumprimentar, socializar casualmente, convidar, despedir-se;
- a descrição de um aparelho ou experiência com o auxílio de um objeto ou sua representação gráfica;
- a aprendizagem dos sistemas de vida das civilizações primitivas relativas aos países que têm a LE aprendida como nativa e ao país do aprendiz, via língua-alvo e, no decorrer dos trabalhos, inserir a sistematização de aspectos necessários do discurso, da fonologia, do vocabulário, etc.;
- reconhecimento da adequação da linguagem utilizada em diferentes situações. Como uma conversa com uma autoridade, com um chefe de trabalho, com um colega da escola, com a família;
- o trabalho com a saúde, apresentando textos e depoimentos reais, buscando em órgãos oficiais informações que possam constituir uma pe-

quena estatística da doença em diferentes países, sempre utilizando a língua-alvo como ferramenta de acesso às informações e, posteriormente, de aquisição efetiva dos conhecimentos trabalhados na atividade.

- A História como pretexto para a ratificação de estruturas aprendidas dessa nova língua, e também como instrumento de aquisição de cultura e conhecimentos sobre os povos que falam a língua estudada, fazendo uma ponte com sua própria história.

Um método comunicativo pode, com certeza, incluir traços da oralidade e carga informativa, mas não esgota nunca o seu potencial. E quando o objetivo é criar condições favoráveis para a aquisição de um desempenho real em uma nova língua, a questão dos procedimentos metodológicos para fazer experienciar essa língua torna-se ainda mais necessário compreender, e não só saber fazer, esse potencial metodológico comunicativo.

Neste momento da educação, em que a aquisição do conhecimento pura e simples dá lugar à construção desse mesmo conhecimento a partir do indivíduo que o recebe, de sua vivência e de sua contribuição pessoal na aquisição do saber é de fundamental importância que o aprendiz esteja inserido como construtor de seu saber e daqueles que partilham com ele o espaço social que habitam, segundo Bakhtin, 2003. O aluno não é somente um receptor de informações. É para e por ele que todas as práticas educacionais dentro e fora do ambiente escolar devem buscar a convergência de tudo o que é ensinado e a percepção de como está sendo aprendido.

No caso da LE, é necessário observar que a sua presença no currículo escolar não visa somente a aquisição de uma nova estrutura de língua, mas também múltiplas possibilidades culturais de existência, diferentes maneiras de pensar, de fazer política, de encarar as dificuldades impostas pela natureza ou pela sociedade, de experimentar o novo e poder situar-se como ser pensante, crítico, construtor de muitos dos conhecimentos adquiridos. A LE coloca-se à disposição das múltiplas visões de mundo existentes na sociedade. A partir desse mergulho em outras possibilidades de vida, o discente vai relacionando os conhecimentos apreendidos na LE com os absorvidos em História, Geografia, Ciências e na língua materna também, na medida em que percebe diferenças, semelhanças e as variantes de inter-relação entre as disciplinas. O professor de LE que se volta para as outras competências curriculares, como objeto de desenvolvimento de seu trabalho, está ampliando uma dimensão de especificidade dentro do ensino das línguas para fins genéricos, podendo assim se servir do uso extensivo de recursos não-verbais e quadros de percepção imediata, valorizando também todos os sentidos do seu educando.

O ambiente escolar deve estar em sintonia, engajado com as práticas propostas pelo grupo e consciente de seus deveres e responsabilidades no processo, para que o aluno se sinta seguro e confiante, percebendo que todas as ações são por e para seu benefício intelectual e pessoal.

Valorizar todas as experiências pessoais e relacioná-las com o aprendizado de uma nova possibilidade de comunicar-se com o mundo, no caso a língua estrangeira, é abrir caminhos, é dar ao aprendiz mais uma possibilidade de compreender e modificar o mundo em que vive. Ele só poderá exercer sua cidadania plena quando tiver consciência de suas habilidades e da capacidade de suas potencialidades. Se o ensino de língua estrangeira pode levá-lo a conhecimentos ainda não alcançados, ao pensamento crítico e consciente, à construção de sua autonomia enquanto cidadão, à valorização do «eu», sempre a partir dos «outros» que compõem o seu universo, e à preservação de todos os outros conhecimentos adquiridos nas outras disciplinas do currículo escolar, é sinal de que há muito a se colher e a cada dia mais haverá o que plantar. Porém, o trabalho é árduo e um tanto utópico, mas como bem disse Eduardo Galeano, a utopia serve para isso: fazer-nos caminhar.

BIBLIOGRAFÍA

Almeida Filho, J. C. P., 1993. *Alguns significados do ensino comunicativo de línguas,* Revista Letras, Vol. 10, Campinas, PUCCAMP.

— 1998, *Dimensões Comunicativas no ensino de Línguas,* 2.ª edição, São Paulo, Ed. Pontes.

Bakhtin, M., 2003. *Estética da criação verbal,* Tradução Paulo Bezerra, Prefácio p XXXI XXXII, Capítulo Metodologia das ciências humanas, pp. 393-410, São Paulo, Martins Fontes.

Bourdier, P., 1998. *O Poder Simbólico,* Rio de Janeiro, Ed. Betrand Brasil.

Carr, E. H., 1961. *What is History?,* London, Macmillan.

Freire, P., 2002. *Pedagogia do Oprimido,* Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.

Galeano, E., 1993. Las *Palabras andantes,* Argentina, Ed. Catálogos.

Gadotti, M., 2001. *Escola Cidadã,* São Paulo, Ed. Cortez.

Hunt, L., 1995. *A nova história cultural,* São Paulo, Martins Fontes.

LDB - *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º* 9.394,20/12/1996 - *Diário Oficial da União,* 23/12/1996.

Ministério da Educação - Secretaria de Educação Média e Tecnologia,1999 *PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais,* Brasília.

Trindade, A. L., 2000. *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola,* Rio de Janeiro, Ed. DP&A.

Widdowson, H. G., 1991. *O ensino de línguas para a comunicação*, Tradução de Almeida Filho, J. Carlos P., Campinas, Pontes Editores.

Zabala, A., 1999. *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula* – Organizador, Tradução Rosa, Ernani, 2.ª ed., Porto Alegre, Artmed.